



# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores  
ANO XII, nº 92, janeiro/fevereiro 2019

Este projeto é realizado com recursos do  
Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

**FAC**  
FUNDO DE APOIO À  
CULTURA

Secretaria de  
Cultura



GOVERNO DE  
BRASÍLIA

## OUVINDO ESTRELAS

Anderson Braga Horta

**N**ascido em 16 de dezembro de 1865 e falecido em 28 de dezembro de 1918 (há um século), viveu, portanto, 53 anos. Vida breve, para as expectativas de nossos dias; mas nem tanto, para a época. Comparado aos grandes antecessores do período romântico, foi quase um macróbio. Gonçalves Dias, que tanto admirava, talvez ajudado por alguma pajelança de seus íntimos piagas, ainda alcançou a marca dos 41 — resgatado pelo “oceano terrível” da agonia em que já se afundava, no naufrágio do Bois de Boulogne, em 1864 (foi o único a morrer). Aos outros deu Fortuna menor tempo:

Laurindo Rabelo (1826-1864): aos 38, já do batel da vida sentiu tomar-lhe o leme a mão da morte.

Álvares de Azevedo (1831-1852): “Já da morte o palor me cobre o rosto”. “Vinte anos!... Não vivi um só momento!”

Junqueira Freire (1832-1855) invocava: “Pensamento gentil de paz eterna, amiga morte, vem.” Foi atendido aos 22 aninhos.

Casimiro de Abreu (1839-1860): “Se eu tenho de morrer na flor dos anos, meu Deus, não seja já!”

Colhido menino, ainda correndo atrás de borboletas azuis, aos 21.

Fagundes Varela (1839-1860) viveu em cânticos um calvário de 33 anos.

Castro Alves (1847-1871) tinha 17 quando escreveu, em pleno “borbulhar do gênio”: “Adeus, vida! Adeus, glória! amor! anelos!” Restavam-lhe sete. Ao menos curtiu intensamente a vita brevis.

É corriqueiro lembrar que o nome Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac é um perfeito alexandrino francês, a sugerir mestria nesse tipo de verso, consequentemente um visível domínio versífico, uma tendência ao perfeccionismo, uma filiação literária que implicaria vínculos estreitos com a cultura gaulesa, e por aí afora. Por seu conteúdo repetitivo, de chavão, deveria esquecer-lo; mas, ao invés, o acolho, já pelo curioso da observação, já pela condição seminal de nos prevenir para qualidades efetivamente encontráveis no poeta.

Também aprendemos nos manuais que Bilac foi um poeta parnasiano, vale dizer — vinculado a uma escola marcada pela impessoalidade, pela frieza emocional. Sua vida, entretanto, não foi essa pasmaceira que se

poderia imaginar, em se tratando de um suposto adepto da torre de marfim, da objetividade realista, do não-envolvimento, da literatura de gabinete, como deixou claro José Jeronymo Rivera, no primoroso painel que desenrolou para nós, no Auditório Cyro dos Anjos, da ANE, em março de 2014 (*De Vias Lácteas e de Flautas Rústicas*, Kelps, Goiânia, 2014). Sua arte também não o foi, consoante a Apresentação de Alceu Amoroso Lima, um dos que melhor o compreenderam, no vol. 2 da série *Nossos Clássicos*, da Agir (Rio de Janeiro, 1957).

Sobre o cidadão Bilac, lembra Antonio Carlos Secchin em “Presença do Parnaso”, que, longe de um comportamento glacial diante da vida, “desenvolvia intensa atividade pública, metendo-se em política, lutando pela obrigatoriedade de prestação do serviço militar, e opinando sobre as reformas urbanísticas do Rio *belle époque*”. E Ledo Ivo, em “Os Navios Parnasianos”, fala de sua “alegria de viver”. (Ambos em *Escolas Literárias no Brasil*, organização de Ivan Junqueira; edição da Academia Brasileira de Letras, Rio, 2004, pp. 497 e 523, respectivamente.)

Continuação na página 10

## A INFANTA CAPELLISTA

Pedro Rogério Moreira

**C**omo a viagem a Belo Horizonte era de um pé lá e outro cá, exonerei a mochila de tudo quanto constituísse peso no cangote do passageiro setentão. Ficou para trás a *Helena*, o Machado de Assis da hora, capa dura da Garnier, 1896, herdada de meu pai; para a vigília daquela noite, pegaria do exemplar-êmulos existente na biblioteca remanescente dele na capital mineira, de modo que não haveria descontinuidade na leitura. À noite, fui buscá-lo na velha estante, cujas prateleiras guardam o que Vivaldi Moreira conseguiu juntar — uns quinhentos livros talvez — depois de fazer a doação de vinte mil volumes à Academia Mineira de Letras, cinco anos antes de falecer em 2001. Atrás da *Helena*, a descoberta de outra mulher, de pé, vestida de rubro na encadernação encouraçada de que os antigos oficiais do ramo eram especialistas, um esmero protetor dos livros eleitos para receber a onerosa honraria. Que mulher é esta que o enamorado bibliófilo Vivaldi não quis entregar a outras mãos, a outros olhos? Era *A infanta capellista*, de Camillo Castello Branco (assim, os L dobrados da ortografia da época); livro que deu muito sofrimento ao autor e pano para as mangas à literatura luso-brasileira, à monarquia de Portugal e ao imperador do Brasil, Pedro II. O evento literário chegaria a esse ponto dramático. “A cousa” — assim um dia Camilo apodou severamente sua obra, pois o mais famoso romancista de língua portuguesa de então repudiou a criação que se tornaria célebre, exatamente pelo motivo de ser proscrita pelo criador. Cogito se seria esta a razão pela qual Vivaldi, generoso na doação de sua enorme livraria, mas dono de um pudor dos homens antigos, excluiu dela a obra de Camilo: respeito à vontade do romancista de vedar aquilo que um dia considerou uma injúria, um desvario momentâneo da mente e do coração. Uma obra destinada ao esquecimento? Não! Tanto assim que Vivaldi deixou-a para que um dia o filho a descobrisse e desse continuidade à difusão do mistério da criação literária.

*A infanta* encontrada atrás da *Helena* não é um exemplar da edição original, de 1872; seria pedir muito à sorte, mas o exemplar constitui um pequeno tesouro da bibliografia brasileira. Só se conhecem três ou quatro exemplares daqueles impressos na Typographia de Antônio José da Silva Teixeira, estabelecida na rua da Cancellaria Velha, 62, Porto. Camilo destruiria quase a totalidade da edição, estima-se que de três mil exemplares. As páginas teriam sido usadas como papel de embrulho. O escritor arrependera-se; considerava mesmo uma abominação o romance que expunha à execração pública a família de um homem que venerava de verdade, seu admirado leitor o imperador do Brasil Pedro II, o Bragança que o distinguira com a mais importante honraria do Império, a Ordem da Rosa.

Continuação na página 9

## DIMAS MACEDO, POETA ITINERANTE

Wilson Pereira

**O** poeta cearense Dimas Macedo, com uma dezena de livros de poemas publicados, goza de prestígio literário, com considerável fortuna crítica. Seu último livro, cujo título, *{Codicínio}* (Fortaleza: Edições Poetaria, 2018), constitui-se de neologismo criado pelo autor, resultante da aglutinação de Códice com Círio, segue a mesma linha temática e o mesmo modelo estrutural do livro anterior *{Guadalupe}*. O primeiro foi editado em 2018, e este último, em 2012.

Em ambos os livros há um bom número de poemas dedicados à contemplação e à exaltação de cidades que ele visitou mundo afora, a maioria em países europeus. E os poemas são, em geral, peças curtas, pautando-se por um lirismo contido e por uma linguagem simples e translúcida, mas sugestiva e consistentemente poética. Ambos os livros são divididos em 3 partes. Em *{Guadalupe}*, a primeira parte traz diversos textos que, grosso modo, poderiam ser vistos como uma espécie de impressões de viagem. Entre as cidades homenageadas pelo poeta, estão: Amsterdam, Atlanta, Bogotá, Bruxelas, Londres e Montevidéu, que empresta o nome ao título do livro. E, também, as brasileiras Brasília e Belém.

Continuação na página 8

# TIROS NA NOITE: A SAGA DA ÚLTIMA HORA

Vera Lúcia de Oliveira

**O** vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2017 é morador de Brasília e Defensor Público do Distrito Federal. Seu nome é José Almeida Júnior. Natural de Mossoró, não nega a raça ao escrever corajosamente sobre figuras da imprensa e política brasileiras como Samuel Wainer, Carlos Lacerda, Nelson Rodrigues, Lourival Fontes, entre outros, e ele, o quase mítico presidente-ditador Getúlio Vargas. O livro se intitula *Última Hora* (RJ: Ed. Record, 2017).

Trata-se de romance cujo enredo se baseia na criação do diário carioca, em 1951, pelo jornalista Samuel Wainer, judeu russo-brasileiro, que se dizia paulistano (“um pobre judeu do Bom Retiro”) e que ascendeu na imprensa graças ao talento e esperteza, segundo o narrador. O livro nos revela os bastidores da imprensa, da política e politicalha da Era Vargas, em que o Presidente é personagem fundamental para o conhecimento dos fatos do seu governo. É um romance histórico, dinâmico, na verdade explosivo, com personagens vivas, convincentes – um *thriller* – com direito a torcida por parte do leitor. Não dá vontade de parar de ler o livro nem para almoçar. Esse ritmo frenético é uma qualidade que deve ser apreciada, pois é a natureza épica da narrativa que deixa o leitor com o livro grudado na mão.

A história da imprensa em alguns países não é coisa que se possa dizer muito honrosa. Na França, Balzac mostra o universo corrompido da imprensa parisiense em sua obra-prima *Ilusões perdidas*. Nos Estados Unidos, Randolph Hearst ficou conhecido como o criador da “imprensa marrom”, dada a natureza sensacionalista e de veracidade duvidosa de suas notícias. No Brasil não seria diferente. Desde o surgimento da imprensa em 1808, com a fundação do *Correio Brasileiro* por Hipólito José da Costa, até hoje, a imprensa chapa-branca – sobretudo dos tempos ditatoriais – tem escamoteado o seu papel de formar opinião crítica e defender o interesse público. Do mesmo modo, o que temos nesse *Última Hora* é uma guerra de interesses entre o governo do frio e calculista Getúlio Vargas e as grandes redes de comunicação. O jornal vespertino foi, assim, criado para, com seu apoio, e do Banco do Brasil, apoiá-lo. É uma luta de Davi e Golias. É uma história repleta de vilões, a começar pelo narrador, Marcos, de caráter duvidosíssimo, para dizer o mínimo de quem joga nos dois times, o capitalista e o comu-

nista. Na capa do livro, foi chamado de “jornalista canalha, corrupto, mau caráter” por Luís Ruffato.

Essa história dos tiros na noite não é novidade para os brasileiros porque é a nossa história no fim do governo Vargas que teve, com os tiros na rua Tonelero, em Copacabana, a “bloody shirt” de que a oposição tanto necessitava, levando ao desfecho dramático: o tiro no peito de Vargas, “engatilhado” pelo arqui-inimigo Carlos Lacerda, figura das mais controversas da política brasileira do século 20. Nada o detinha na campanha difamatória ao governo trabalhista do presidente Vargas. No seu jornal *Tribuna da Imprensa*, era um Moisés insano, inteligentíssimo mas insano, com a tábua da moralidade conservadora nas mãos, porta-voz da classe média, sempre cheia de temores, coitada! Lacerda, porém, tinha interesses inconfessos, chegando mesmo a simular, segundo o romance, um atentado contra si mesmo – o famoso tiro no pé (o único que deu certo até hoje) – para acelerar a crise de derrubada do Presidente. De língua e pena mais que afiadas, e apoiado pela direita conservadora, não mediu esforços nem energia para destruir o governo. Com suas denúncias de corrupção fez estremecer o mundo dos negócios fraudulentos, mas o que marcou a sua atuação não foi a busca de algo novo, e sim, o conservadorismo à maneira dos norte-americanos.

E para apimentar a história, não poderia faltar Nelson Rodrigues, nosso dramaturgo genial, autor da obra-prima *Vestido de noiva* – incompreendido, no entanto, quanto à dimensão da sua arte – cujas peças de teatro e coluna “A vida como ela é...”, na *Última Hora*, faziam-no amado e odiado pelo público, por desnudar o modo de vida da mesma classe média burguesa e pequeno-burguesa. Um escândalo. Artista acima de tudo, fazia ouvido de mercador para a fúria que despertava na crítica e, claro, em Lacerda. Mas está também na lista dos machões, chauvinistas, bebedores de Old Parr, usuários de Pervitin, daqueles anos nem um pouco dourados...

Um livro como esse, além de seu valor literário, referendado pelo importante Prêmio Sesc, tem ainda o mérito de contribuir para o conhecimento de nossa história, alargando os pontos de vista e clareando um episódio seriíssimo ainda encoberto por um denso nevoeiro. Aqui, o passado não é uma roupa velha que não nos serve mais, como diz a canção do Belchior, e sim, lição que precisamos saber de cor. Para não deixar repetir.

## Soneto do Mês

SUAVE CAMINHO

Mário Pederneiras



Assim... ambos assim, no mesmo passo,  
iremos percorrendo a mesma estrada;  
tu – no meu braço trêmulo amparada,  
eu – amparado no teu lindo braço.

Ligados neste arrimo, embora escasso,  
venceremos as urzes da jornada...  
e tu – te sentirás menos cansada  
e eu – menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos,  
que para mim o teu carinho trouxe,  
placidamente pela Vida iremos,

calcando mágoas, afastando espinhos,  
como se a escarpa desta Vida fosse  
o mais suave de todos os caminhos.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA  
2017-2019

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo  
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha  
Secretário-Geral: Roberto Nogueira Ferreira  
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto  
2º Secretário: Joel de Medeiros

1º Tesoureiro: Salomão Sousa  
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza  
Diretora de Biblioteca: Sônia Helena  
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira  
Diretor de Divulgação: Paulo José Cunha  
Diretor de Edições: Afonso Ligório  
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 92 – janeiro/fevereiro 2019

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,  
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e  
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.  
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738  
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.



# LEITURAS DE DESPEDIDA

M. Paulo Nunes

Conta Josué Montello, em uma das anotações de seu *Diário*, o encontro com o cronista Álvaro Moreyra, o doce Alvim de *As Amargas, não*, na Sala dos Poetas Românticos, na Academia Brasileira e, ao indagar-lhe o que fazia ali, recebeu a seguinte resposta do poeta: – Estou fazendo minhas leituras de despedida.

Todos nós, quando chegamos à idade prolecta e ao atingir aquela serenidade que, segundo o romancista inglês Somerset Maugham, é o estado de graça reservado apenas às vacas e aos cretinos, pensamos também em realizar esse alto propósito, ou seja, fazer também as leituras de despedida, antes que nos colha de vez “a indesejada das gentes”, da imagem de Bandeira.

Ao desfazer-me agora, por falta de espaço, na nova residência, de parte de meus livros, como já o disse nesta coluna, reservei uma porção substancial deles para as leituras de despedida a que se refere o poeta de *Casa Desmoronada*.

É de Joaquim Manuel de Macedo, figura notável do nosso primeiro romantismo e especialmente lembrado por aquele singelo romance – *A Moreninha*, a página antológica retirada de seu livro *O Rio do Quarto*, em que nos diz (cito de memória): “Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada de seu país, imaginou

que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, ao aproximar-se a hora derradeira, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra do bosque amigo onde haviam nascido.” E acrescenta: “O amor da pátria não pode ser descrito por mais bela e delicada imagem.” Todos nós que escolhemos a literatura como nossa pátria, talvez a exemplo de Fernando Pessoa, para quem sua pátria era a língua portuguesa, à proporção que nos aproximamos, pela idade, daquele tipo de serenidade a que se refere Maugham, sentimos a necessidade de acolher-nos à sombra de velhos livros como uma forma de consolo pela irreversível passagem do tempo. E aí voltamos às velhas leituras.

No meu caso pessoal, quando alguns amigos, como o velho Cineas Santos, me cobram a escritura das memórias, penso, entretanto, em ocupar esse tempo restante de vida com velhas leituras. O problema é conseguir fazer essa escolha. Por onde começar? Penso em fazê-lo, pelo velho Machado de Assis, relendo, mais uma vez, como já o fiz há pouco, por motivo do centenário do seu silêncio, quando lhe dedicamos um número especial da revista *Presença*, alguns contos imortais, como “Missa de Galo”, há pouco comentado, “Noite de Almirante”, “A Causa Secreta”, “Trio em lá menor”, “Uns Braços”, “Cantiga de Esponsais” e tan-

tos outros. De romances como os mais famosos *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Memorial de Aires*; o velho Eça de *A Ilustre Casa de Ramires*, *Os Maias*, *A Cidade e as Serras*; alguns livros de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, como *No Caminho de Swann*, *A sombra das Raparigas em Flor*, *Albertina Desaparecida* e *O Tempo Redescoberto*; *Guerra e Paz*, *Ana Karenina* e *Sonata a Kreutzen*, de Leon Tolstói; do romancista inglês Charles Morgan, *Sparkenbroke*; algumas obras de Virgínia Wolf, como *Mrs. Dalloway*, *Os Anos*, e de Gabriel García Márquez, *O Amor nos Tempos do Cólera*; *Os Tamberes de São Luís*, de Josué Montello. Alguns poetas, como Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Voltar à leitura dos *Lusíadas*, através de alguns episódios, como o de “Inez de Castro”, “O Velho do Restelo”, o do “Adamastor”, o da “Ilha dos Amores”, no canto IX, o de “Aljubarrota”. Rer algumas peças de Gil Vicente, o criador do teatro português, para relembrar os bons tempos de professor de literatura do Liceu e a boa convivência com a juventude naquela velha Casa de ensino. Rer Jorge Luís Borges, este, quase todo, menos a parte poética, enfim uma programação razoável para um leitor compulsivo. Ficamos hoje por aqui, mas voltaremos ao assunto.

## UM DIA NA VIDA DE UM LIVRO

Marcelo Torres

Criança ainda, ali pelos cinco anos de idade, estava andando pela rua onde morava, no subúrbio da cidade, quando foi ferozmente atacado por um cão — o que o levou, por todo o sempre, a ter fobia de cachorro. No ano seguinte, aos seis de idade, estava na casa de uma tia em uma tarde de chuva forte e trovões, quando perguntou assustado.

— O que tá acontecendo lá fora, tia?

— São sinais da ira de Deus — disse a tia beata.

Era o mais velho entre treze filhos, aqui contando dois que, ainda na infância, foram vencidos pela febre tifoide. Em um dado tempo, a família chegou a ser próspera, teve posses, mas foi aos poucos perdendo-as, entrando em decadência financeira, o pai mergulhando em dívidas e bebidas. A mãe, coitada, resistia como podia a um câncer que fora descoberto tardiamente.

Em meio aos problemas da família, a vida escolar do garoto oscilou entre idas e voltas, deixando-o, às vezes, fora da escola. Os estudos até a adolescência foram em colégios católicos, até um internato jesuíta. Antes da maioridade, já não acreditava nos princípios religiosos, embora admirasse alguns pensadores católicos.

Era um jovem inquieto, tirava as melhores notas, tinha muitas leituras e escrevia — no colégio e na universidade, publicava textos no jornal interno, já criando teoria estética a partir de Dante, Aristóteles, Tomás de Aquino. Tentou também ser ator e cantor, mas seu talento parecia destinado a outra arte.

Ainda em sua cidade, que achava muito provinciana — o país, para ele, era “uma porca que devora sua prole” — saía sempre com um caderninho no bolso ou à mão, para anotar fatos inusitados do dia-a-dia, logo por ele chamados de epifanias. E morou feito cigano, pulando de lugar em lugar, de país em país.

Um dia recebeu telegrama urgente e voltou à cidade natal para acompanhar as últimas horas da mãe. Católica fervorosa, prestes a partir, ela pediu para trazerem um padre — queria um derradeiro ato, receber o sétimo e último sacramento, a unção dos doentes, a extrema-unção.

Num círculo em volta da cama, o pai, os irmãos, todos prostrados de joelhos, de mãos dadas, chamaram-no para rezarem, se confessarem, pedirem o perdão dos pecados e também para perdoarem uns aos outros. Ele, porém, fez um sinal de recusa com a mão, ficou em pé mesmo.

O padre chegou, pôs-se ao pé da cama e untou a doente com óleos bentos, na testa e nas mãos. “Por esta santa unção e pela sua piíssima misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio. Receba a graça do Espírito Santo, para que te salve, te liberte dos pecados e te alivie os sofrimentos, amém”.

Todos responderam amém, menos ele. Aturdido, tanto recusava como admirava os mistérios que movia aquela fé. No seu íntimo, talvez preferisse não estar diante da cena, aquele ritual, as rezas mecânicas, as velas queimando, os cheiros da morte, as confissões e os perdões insinceros — nem mesmo os choros eram espontâneos aos seus olhos e ouvidos.

Depois desse dia, o da morte da mãe, passou a beber mais. Ganhava a vida em ‘bicos’, revisando textos, escrevendo para jornais, dando aulas particulares, fazendo crítica literária. Lia muito, escrevia muito — tanto que, aos vinte e dois anos estava já com um livro pronto; este, porém, só recebia recusas das editoras.

Em 10 de junho de 1904, uma moça saía do hotel onde trabalhava como faxineira, numa famosa rua do centro da cidade, e se esbarrou com ele. Nora Barnacle, seu nome, era uma jovem de família católica, de outra cidade, e tinha fugido de casa há alguns dias, após levar uma surra de um tio, por ter sido vista paquerando um moço protestante.

“No dia”, contou ela depois, “eu o confundi com um marinheiro sueco, com aqueles olhos azuis elétricos, mas quando ele começou a falar o achei mais um rapaz bobinho da capital tentando conquistar uma ingênua mocinha do interior”.

O fato é que, seis dias depois, num final de semana, foram para uma praia, onde caminharam pela areia, se deitaram, se beijaram “e ela, com os olhos de uma santa”, fez dele um homem. Foi este dia, o dia do sim, foi esta cena, uma cena de amor e sexo, o mote de uma das maiores obras da literatura universal em todos os tempos.

James Joyce levou sete anos para escrever *Ulisses*, um divisor de páginas na história do gênero romance, agora com a quebra da estrutura linear, com a variação da voz narrativa entre a primeira e a terceira pessoas e com o fluxo de consciência, entre outras inovações. Recheada de elementos proibidos, como palavrões e cenas de sexo, a obra de início foi proibida na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas acabou sendo publicada na França, em 1922.

“O que é tão assustador em *Ulisses* é o fato de, atrás de mil véus, nada ficar escondido; de não estar virado nem para a mente nem para o mundo, mas, tão frio quanto a lua vista do espaço cósmico, permite que o drama do crescimento, do ser e da decadência siga o seu curso”, dele, do livro, disse o doutor Carl Gustav Jung. “Eu considero este livro como a expressão mais importante da época atual; é um livro do qual todos somos devedores e de que ninguém pode escapar”, completou o poeta e crítico T. S. Eliot.



Momentos antes da festa de confraternização natalina de 2018, foi lançado, no Auditório Cyro dos Anjos, o livro *Quintas Literárias 2017*, reunindo os textos das palestras realizadas na ANE, ao longo daquele ano.

Na foto, o Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, e a associada e diretora Sônia Helena, organizadora da edição, fazem a apresentação da obra, que inicia uma importante série histórica, no âmbito das publicações da ANE.

## CAMINHO

Raquel Naveira

Assim como Cecília Meireles confessou em *flash* de João Condé na revista *O Cruzeiro* de 1955, que “não praticava nenhum esporte, mas que gostava muito de caminhar e achava que seria capaz de dar volta ao mundo a pé”, eu também. Gosto de seguir pelas ruas, pelas avenidas, pelas margens dos trilhos. De tocar nos troncos das árvores. Sou da estirpe dos andarilhos, dos peregrinos, dos forasteiros. Ando bem e rapidamente pelas vias do tempo. Sinto-me sempre estrangeira. Não caibo aqui, mesmo sendo minha terra, mesmo sendo meu destino.

E avanço, adianto-me com o peito para a frente, navego estendendo velas brancas. Não posso parar. Parar não paro. Esquecer não esqueço. Nem dos meus sonhos, nem da minha fé, nem do desejo que tenho de forjar meu caráter. Pago caro por isso. Às vezes, como um beduíno, penetro desertos, vales da morte cheios de escorpiões. Outras vezes, como um louco Ahasverus, o judeu errante, o coureiro condenado a vagar pelo mundo sem nunca morrer, até a volta de Cristo, até o fim dos tempos, arrasto-me em direção a um oásis onde possa descansar antes de seguir. Se, depois, alguém da caravana me obriga a caminhar mil passos, vou com ele dois mil. Obedeço à voz do mestre nessa estranha passagem pelas dunas.

O poeta norte-americano Robert Frost escreveu um poema sobre o caminho que não tomou, sobre o drama da escolha entre duas possibilidades. A dor da renúncia. Vejo-me então mergulhada naquele bosque amarelo, em pleno outono, quando a estrada subitamente se bifurcou. Os dois eram caminhos prováveis, mas um era mais selvagem, mais íngreme e foi esse que tomei. Isso fez toda diferença. Calquei o caminho da poesia e já não posso voltar atrás. Optei por um caminho e vivo agora a nostalgia de tantos outros. E nem era inocente. Estudiosa de Camões e Pessoa, leitora de Manuel Bandeira e Mário de Andrade, sabia bem o que no fim esperava os poetas: dores, descaso, penúria, quartos de hotel, glórias frias. Encruzilhadas que geraram dúvidas. Que me levaram a tropeçar naquela pedra que tinha no meio do caminho, enquanto contemplava as estrelas.

John Kennedy, na sua posse como presidente dos Estados Unidos, em 1961, convidou Frost, então com 87 anos, para discursar na cerimônia. O projeto era de uma idade de ouro do poder e da poesia. Afinal, “havia promessas a cumprir/ e milhas e milhas e milhas antes de dormir”, como cantara o bardo. Mas na hora de declamar o poema, o velho poeta ficou ofuscado pelo sol e, de olhos fechados, selou o signo da tragédia que se anunciava: sua morte, como a de um cisne e a bala na cabeça do jovem líder.

Quero caminhar por uma estrada real, direta, reta. Vencer a sedução de me afastar, de conhecer campos e me embriagar nas vinhas. Tenho pressa. Urgência. Meus passos são largos. Corrirei. Já deixei tantas coisas para trás: pessoas, festas, fogos de artifício, imagens, falsas crenças, ilusões, vaidades. Como aquele coelho branco do conto *Alice no país das maravilhas*, seguro um relógio na algibeira e não posso me atrasar. Não vou me desviar, nem procurar atalhos, nem me distrair com chás, risadas entre as folhas e cascalhos brilhantes. Só me prendo a essa vereda pela qual me decidi, neste grande sertão. Vou à capital encontrar o rei. Não sentirei fadiga até encontrá-lo. Ele é o caminho.

## ADQUIRA NOSSOS LIVROS



### ERROS DAS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Dr. Marcio Junqueira Lisboa  
248 páginas



### A REDESCOBERTA DO BRASIL

O Barco do Rei  
Afonso Ligório  
280 páginas



### A REVOLUÇÃO DOS PREFEITOS

O Brasil não precisa de estados  
Raul Ferraz  
176 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

[WWW.THESAURUS.COM.BR](http://WWW.THESAURUS.COM.BR)

**Frete grátis para todo o Brasil**

**Ou ligue: (61) 3344-3738**



# ANTONIO CANDIDO: *PRIMUS INTER PARES*<sup>(\*)</sup>

Fabio de Sousa Coutinho

## O FUNDAMENTO DA CELEBRAÇÃO:

Qual é o verdadeiro sentido da comemoração de uma efeméride, quando ela diz respeito a uma pessoa e, mais ainda, a um ser até muito recentemente presente entre nós?

Para os humanistas, a celebração do aniversário de alguém deve, necessariamente, constituir um momento de reflexão sobre o que a vida do homenageado representa em termos de dedicação à causa da justiça social, à afirmação das liberdades reais, ao fortalecimento dos legítimos valores da nacionalidade, ao engrandecimento cultural do povo de seu país e à defesa incontestável da cidadania como fonte universal de participação no poder e nos destinos de uma nação.

Pois bem: esta fala na Academia Mineira de Letras pretende homenagear, com a admiração e o júbilo próprios de um discípulo saudoso e respeitoso, a trajetória pessoal, profissional e literária de um brasileiro modelar que passou para a eternidade em 12 de maio de 2017, aos 98 anos de idade, e que teria completado 100 anos em 24 de julho de 2018. Refiro-me, evidentemente, a Antonio Candido de Mello e Souza, professor, escritor, pensador e, acima de tudo, militante democrata que conferiu um toque de seriedade absoluta a uma atividade produtiva em que a qualidade científica, o rigor acadêmico e a precisão de conteúdo se aliaram a uma profusão capaz de surpreender e fazer pasmar o mais cético dos observadores do movimento editorial de nossa terra.

## A CARREIRA ACADÊMICA:

Antonio Candido lecionou na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo durante quase quatro décadas (de 1942 a 1978), não tendo descuidado, por um dia sequer, de participar da vida que segue fora dos limites acadêmicos, nos quais uma tendência à acomodação é notória em todos os quadrantes do mundo. Mestre irrepreensível, galgou diversas etapas até atingir a titularidade, tendo requerido sua aposentadoria em episódio, de cunho eminentemente político, que traz a marca da personalidade de um homem que sempre soube colocar os supremos valores da consciência acima de conveniências de natureza material e burguesa, não fazendo concessões de qualquer espécie aos atrativos da burocracia.

Professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis (SP), atualmente integrada na Universidade Estadual Paulista, sua atuação naquela prestigiosa instituição é reverenciada por quantos ali passaram, constituindo suas aulas autênticos monumentos de formação de brasileiros conscientes e consequentes, gente que, ao vê-lo e ouvi-lo, podia ter a certeza de que a existência merece ser encarada como um bem precioso demais para ser desperdiçado com questões que não passam pelo fortalecimento do homem como indivíduo na sua espécie e pessoa no conjunto da sociedade.

Na conclusão de *O Direito à Liberdade*, ensaio originalmente escrito para uma palestra no curso organizado em 1988 pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e, posteriormente, publicado em *Vários Escritos*, Antonio Candido afirmou: “Portanto, a luta por direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura”. Tal consciência, da luta por direitos e contra a desigualdade social, esteve presente em toda a sua trajetória intelectual, o que procuro evidenciar na etapa imediatamente seguinte desta apresentação.

## O INTELLECTUAL PÚBLICO:

Como sociólogo, crítico e historiador literário, Antonio Candido levou ao paroxismo sua postura de intelectual público e engajado, de pensador sempre atualizado, de cidadão permanentemente ocupado e preocupado com os problemas estruturais que a humanidade deve enfrentar e superar para libertar-se inteiramente e poder realizar a felicidade completa, a utopia.

A leitura de apenas algumas de suas dezenas de obras seria suficiente para ajudar na compreensão dos incontáveis troços conjunturais e retrocessos institucionais por que passou, passa e, previsivelmente, ainda vai passar, o processo civilizatório brasileiro. Com efeito, *Formação da Literatura Brasileira* (Momentos decisivos 1750-1880), de 1959, *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*, de 1965, e *Um Funcionário da Monarquia: ensaio sobre o Segundo Escalão*, de 2002, se impõem como primorosos exemplares da mais perfeita e acabada investigação literária, histórica e sociológica desenvolvida em nosso país, com vistas à compreensão dos graves e hereditários problemas nacionais.

*Formação da Literatura Brasileira* é amplamente considerado, pela crítica especializada, um dos seis livros fundadores da reflexão da intelectualidade pátria sobre sua própria identidade. A despeito da diferença de objetos e fundamentos teóricos, o livro estaria emparelhado com *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre,

*Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro, e *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, de Oliveira Lima.

Por tudo o que fez, pensou e escreveu em vida, Antonio Candido quase chegou aos cem anos ombreado com outros grandes brasileiros de sua geração que, tendo atingido idade tão significativa, igualmente se revelaram, em todos os momentos, de inabalável honestidade intelectual e política. E, quando faço tal afirmativa, estou a pensar, por exemplo, num Oscar Niemeyer, num Evaristo de Moraes Filho, num José Mindlin, num Goffredo Telles Júnior, num Fernando Bastos de Ávila, num Barbosa Lima Sobrinho.

No depoimento insuspeito de seu aluno Fernando Henrique Cardoso, o único que, por enquanto, chegou à Presidência da República, Antonio Candido “dava inveja e admiração”. Não necessariamente reconhecido pela modéstia de seus autojulgamentos, Fernando Henrique chegou a afirmar, num texto de incontida veneração por seu professor de Sociologia, que “nunca serei capaz de tanta limpidez, elegância e erudição.”

E vai além, no capítulo intitulado *Um ex-aluno*, do livro *Pensadores que inventaram o Brasil*: “[Antonio Candido] Conta histórias, faz humor, é irônico, ensina, enfim, homem de salão, só que à moda moderna, com naturalidade, sem nenhum pedantismo. (...) E benquistado era o esplêndido professor. De avental branco – impecável – como os professores de Sociologia usavam na época, Candido, sempre discreto e charmoso, deslocava-se rápido pelos corredores para a sala de aula. Cortês e algo distante – quase formal –, explicava com clareza a barafunda sociológica que nos deixava fascinados e atônitos.”

## CONCLUSÃO:

O espaço generosamente aberto pela Academia Mineira de Letras para esta sessão de reverência ao centenário de nascimento de Antonio Candido permite que se perpetue, ainda que singelamente, o registro de uma rara trajetória existencial, na qual, pela prática incondicional das virtudes da integridade, da lealdade, da honradez, do respeito, da solidariedade, do patriotismo e do pensamento integrado à ação, um brasileiro ímpar dignificou o permanente combate democrático e, em última análise, a própria condição humana.

Muito obrigado.

(\*) Palestra proferida na Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte, MG, em 20.11.2018, em comemoração ao centenário de nascimento de Antonio Candido de Mello e Souza.

## TRÊS CONTOS DE DIEGO MENDES SOUSA

### A ESPANTOSA NOITE DO NASCIMENTO

As estrelas sugaram o meu brilho humano.  
Mergulhei no infinito do terreno.  
Minha avó rezou o credo tecendo as mãos do seu amor inocente.  
Assombrado, desassombrei a noite que me atravessava iluminada.

### A TRISTEZA SECRETA

Na sagração das letras mais secretas, perdi a árvore fraterna que levava o fio geográfico da alma.  
O que tenho é uma fome de beleza a transfigurar-se em magia de passarinho.  
Sei que irei voar.

### ERA UMA VEZ NO NINHO

A cadeira da avó balançava na tarde da sua memória.  
Era o vulto do seu mistério interior enchendo os espaços de um esgotamento oceânico.  
Explodiam as lembranças.  
— A ave queria o ninho.  
A aventura morria, chorando o coração.

# RUGGERO

## Emanuel Medeiros Vieira

**E**m memória de Maria Aparecida (Cida) e Arnaldo Castanho de Almeida – irmã, cunhado, compadres – imensos e eternos amigos (dos maiores que já tive em minha vida) –, “encantados”, respectivamente, em 8 de outubro e 12 de julho de 2018.

Lembro-me do padre jesuíta italiano Ruggero – tão alto – a gente varando noites, conversando sobre Teilhard de Chardin (1881-1955), Soren Kierkegaard (1813-1855), existencialistas cristãos como Gabriel Marcel (1889-1973) – que rejeitava o termo “existencialismo” –, Emmanuel Mounier (1905-1950) – fundador da revista “Esprit” –, agnósticos e ateus, como Albert Camus (1913-1960), Jean Paul Sartre (1905-1980), e marxistas como Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

No final – sempre no final – ele arrematava:

– *Nunca te esqueças da Misericórdia Divina.*

*(Ele era sempre profundo, mas – nesta frase – queria ser abertamente “solar”.)*

### MISERICÓRDIA DIVINA.

Ele acreditava que eu era possuidor de uma “fé forte e cósmica”, mas que o tempo, as leituras e as dúvidas me afastaram dela.

– Quero te dar mais ÂNIMO, e falava mais alto e soletrava a palavra “ÂNIMO”.

Ria, me abraçava.

Ruggero era muito culto, leitor voraz, mas sua sabedoria maior era a simplicidade.

Tomávamos vinho, assistimos juntos duas vezes “O Sétimo Selo”, 1957, (“Det sjunde inseglete”) “Morangos Silvestres” (Smultronstället), 1957, de Ingmar Bergman (1918-2007).

Também vimos várias vezes “Rastros de Ódio” (“The Searchers”), 1956, de outro grande mestre: John Ford (1894-1973).

Gostávamos muito também de Orson Welles (1915-1985) e assistimos algumas vezes “A Marca da Maldade” (“Te Touch of Evil”), 1958, que admirávamos muito, até mais que “Cidadão Kane” (“Citizen Kane”) 1941 – por muitos considerado o melhor filme de todos os tempos.

Um dia, ele morreu.

Tinha um carinho enorme pelos “humilhados e ofendidos da terra”, como dizia, pelos pobrezinhos, pelos sem nada.

Modesto, batina puída, evangelizava operários em comunidades pobres de Porto Alegre e pescadores em Florianópolis – não era amado pelos hierarcas, poderosos e conservadores da Igreja – afora a burguesia da capital gaúcha e da Ilha do meu nascimento.

### Estávamos na década de 50 do século passado.

E um dia – parece incrível – fui eu a consolá-lo.

Triste, ferido com injustiças e perseguições (que não relato aqui), aquele sacerdote loiro (parecendo um camponês do interior de Santa Catarina), de quase dois metros, desajeitado, possuidor de um coração maior que ele, morando em uma casinha simples de madeira, num bairro humilde de Porto Alegre (antes estivera durante dois anos em Ponta das Canas, em Florianópolis, praia bela do Norte da Ilha de Santa Catarina, minha terra natal – ainda aprazível, pregando para os pescadores, dando para os pobres até a roupa do corpo, dividindo tudo o que tinha.

Foi o primeiro padre socialista que conheci – visceralmente autêntico.

Sempre achei que ele nascera na época errada. Deveria ter vivido na época das Catacumbas, levando

a palavra de um Jesus pobre e libertador contra o Império Romano.

Resolvemos entrar na AP (Ação Popular) – organização originária da esquerda católica –, mas isso é outra história.

Ele lembrava-me o corajoso Padre Nando, do romance “Quarup”, 1967” (um dos mais belos da literatura brasileira), de Antônio Callado (1917-1997) que, no final, opta pela luta armada no combate à ditadura militar.

### Escrevi acima: Um dia, ele morreu.

Qual a causa (indagam)? Foi “pelo coração” – ataque cardíaco. Mas acho que **morreu de tudo**, de tudo um pouco, devido às perseguições sofridas, às injustiças que percebia no tão imperfeito mundo, à inveja de que foi vítima, difamado por tantos seres medíocres e mesquinhos.

Havia abandonado a batina, voltou para a Itália, mas retornou ao Brasil para se despedir.

Então, já era um velho, cabelos brancos, parecendo mais baixo, o olhar azul mais triste.

– “Desta vez, fui eu quem perdi a Fé”, me confessou.

Tentei animá-lo, não falando em igreja, “reconversão”, nada. Mas nos filmes que havíamos assistido juntos.

– Não há nada depois daqui, ele disse.

“Depois daqui” era depois da vida terrena – é claro (sinto-me agora redundante).

Hoje, no crepúsculo da minha vida, doente, vejo o seu rosto. É um retrato que mandei emoldurar.

Mostrava o momento de um churrasco numa chácara em Viamão, com poucas pessoas, eu, Décio Andriotti (que morreu em Milão, aos 85 anos, em 29 de abril de 2018, um domingo), Eduardo Dutra Aydos,

Rogério Scanzlerla (1946-2004), e sua então mulher Helena Ignês.

1969. Rogério fora lançar em Porto Alegre, no extinto “Cine Marrocos”, no bairro Menino Deus, o seu hoje clássico “O Bandido da Luz Vermelha” (1968).

Tomamos vinho, ríamos muito. *Era a celebração da amizade.*

**Devo ao Décio – meu professor no antigo Ginásio (1958-1961) do “Colégio Catarinense”, em Florianópolis –, ao meu ex-professor no Clássico (1962-1964), “Colégio Anchieta”, Porto Alegre, também jesuíta (nos dois educandários estudei com bolsa de estudos), ao Roberto Figurelli, ao Paulo Fontoura Gastal (1922-1996), minha paixão pelo cinema.**

**Ruggero, para mim, era um “romântico crepuscular”.**

*Ele achava o mesmo de mim.*

*Ofertou-me ÂNIMO – com seu enorme coração e compaixão – e não está mais aqui.*

**Mas não restou o oblívio. A fé vai e volta. Aparece, desaparece. Está mais longe da infância do que eu mesmo. Do que eu queria. Do que meus pais aspiravam. Tenho culpa? Deus perdeu o meu passaporte? Do meu país? Estou sentimental demais?**

**Ele era daqueles seres que só aparecem de vez em quando. Muito poucos homens chegam como tu, Ruggero.**

**Nunca te esquecerei. Devo a ti o que chamo de “HUMANISMO EM TEMPOS ÁSPEROS E DISTÓPICOS”.**

Sinto-o (RUGGERO) presente – como vários amigos já mortos – em muitos momentos (a maioria) desta vida – na sua reta (ou curva) de chegada.

## CONVERSA DE PERIQUITOS

Mauro de Albuquerque Madeira

**N**ão há coisa mais intensa e barulhenta do que a conversa de dois periquitos sobre a viga da varanda de casa, debaixo de telhas coloniais, às quatro horas da tarde meio chuvosa e nublada. Eles gorjeiam insistentemente, de frente um para o outro, como dois filósofos em alta indagação teórica, numa tagarelice de dar inveja para quaisquer adolescentes inquietos.

Quem disse que só nós humanos temos o direito de raciocinar e conversar?

Os periquitos, verdes de bordas amarelas nas asas, bicos aduncos e rijos, sempre em duplas amorosas ou amistosas, dialogam loucamente nas tardes ou manhãs, quebrando o silêncio deste bairro tranquilo. Gostaria de saber sobre que eles tanto conversam durante uma meia hora, remexem os corpos, se aproximam e se afastam, chilreiam, gritam, murmuram, estrilam, espadam corpos, beliscam grãos invisíveis na madeira, numa harmonia dual, como amigos e amantes que se completam. Quando um se afasta para ou-

tra coluna, silenciam um pouco, depois voltam a bodejar, discutir, confabular, trilar, trinar, num universo de comunicação talvez mais rico do que os nossos diálogos insossos.

No futuro é possível que os ornitólogos descubram os segredos da fala periquital, e a gente abandone a presunção de que só nós sabemos conversar, trocar ideias. Os periquitos da varanda ou do ipê amarelo são grandes palradores, têm muito assunto em dupla, arrulham amores, vocalizam conflitos, gorjeiam sua vida intensamente.

Depois vão embora, voam para longe, silenciam a tarde, apenas perturbada pelo som monótono, surdo da asa branca ao longe, ou de algum passarinho solitário, a trinar sem a eloquência do casal de periquitos. Desconfio que a conversa destes é tão erudita quanto a nossa discussão política ou filosófica, pelo menos é igualmente barulhenta e pretensiosa. É preciso que os linguistas do futuro descubram os segredos do gorjeio dos periquitos da minha varanda.

# DOUTOR HONORIS CAUSA (\*)

Ana Miranda

**A**gradeço as palavras com que me recebem nesta Universidade, as palavras são uma monumental criação humana, de grande força poética, social, mágica, e é pela atividade de transformação da palavra em arte, em sonho, em memória, em força de expressão da mulher e de um povo, que estou aqui, esta noite, nesta universidade.

As universidades são centros de conhecimento, estudo, pesquisa, educação *superior* na mais bela acepção da palavra, talvez seja a mais preciosa invenção da inteligência humana, no sentido de guarda e disseminação universal dos conhecimentos humanos. Uma universidade é mais do que uma biblioteca, mais do que uma bússola, uma rosa dos ventos, um compasso, um testamento, um mapa. Uma universidade é mais do que um caminho.

Uma cidade sem universidade é um corpo sem alma. Durante séculos nosso país não pôde ter uma universidade, para que se mantivesse sob um regime colonial e sob a cegueira da ignorância. A universidade é luz.

E a Universidade Federal do Ceará tem sido um dos faróis mais brilhantes de nosso acervo de universidades; com todas as dificuldades que enfrenta, todos os obstáculos que se apresentam, apesar dos conflitos políticos, apesar das crises e de nossa tão estável instabilidade brasileira. É uma universidade com tradição humanitária, progressista, de liberdade, numa região talvez a mais rica em culturas populares, em força da natureza, sabedoria e alegria de viver. Assim, receber um título da UFC é *mais* valioso, é uma joia de reconhecimento, feita do diamante mais sólido, que é a pedra incrustada na rocha do saber, da civilização, da paz. E das origens.

Receber o título em minha cidade natal significa ainda mais. Aqui nasci, na Praia de Iracema, diante dos verdes mares bravios respirei os primeiros ventos, e durante toda a vida, nos lugares fabulosos em que me aventurei distante de minha terra natal, distante de meus primeiros amores, de minha primeira casa, distante de onde todo o meu *fundamento* como ser humano se processou, durante toda a minha vida tive a

sensação de viver numa espécie de *exílio*, palavra que se tornou o *leitmotiv* de minha obra literária, do ponto de vista do sentimento.

*Exílio*, palavra que expressa as questões mais profundas por que passa a humanidade; êxodos e exílios, por que passaram nosso Estado, nosso Nordeste, geração após geração de nossos filhos que se foram para construir a riqueza de um grande País; exílio, sentimento misto de amor e desamparo, distância e proximidade, sentimento que para mim não se encerra com a minha volta às origens, apesar do novo sentimento de pertencer, e de *ser* o lugar, e ser recebida com tantas portas abertas. Mas o sentimento do exílio não cessa, pois é sentimento de toda a humanidade, num mundo em que não haveria mais de existir fronteiras.

Estamos em tempo de receios, angústias, dúvidas, em que precisamos de coragem, paciência, determinação e amor. Recordo um dia de minha vida em que me sentia sem esperanças na humanidade, em nosso país, e me deparei com um homem que respondia a questões de uma criança sentada em seu colo. E escrevi estas palavras, numa crônica:

“... o menino ouvia, cada vez mais entretido, tinha seus sobressaltos quando entendia algo a mais. Então o flamingo era vermelho para se camuflar ao pôr do sol? fazia perguntas, o homem respondia, e percebi que eu estava tão fascinada quanto aquele menino, tendo vislumbres que me tornavam menos desesperançada, e que o homem já não falava mais apenas para o menino e para a moça de vestido de renda branca, que igualmente ouvia quase sem respirar, mas ele também falava para mim, murmurava em meu ouvido, evocava o encantamento perpétuo, soprando suas palavras entre nossas peles e nossos vestidos, entre nossos cabelos e nossos sonhos, porque eu também não era muito mais que uma criança que precisava de uma explicação sobre o mundo...” A arte, a literatura, a universidade, a vida, enfim, há de nos conceder este encantamento perpétuo, que nos leva adiante em nossas lutas cotidianas.

Hoje é um dia dos mais importantes na minha vida, e venho agradecer aos que me proporcionaram

esta alegria. À Universidade Federal do Ceará, que, através de seu Conselho Universitário aceitou a recomendação de meu nome, feita pelo Centro de Humanidades, e ao Curso de Letras, em cujos Departamentos ela nasceu.

Agradeço, portanto, ao Magnífico Reitor Henry de Holanda Campos; À Escritora e Professora Angela Gutierrez; Ao Centro de Humanidades na figura de sua diretora, Professora Vlândia Borges, e da Diretora em exercício, Professora Danyelli Nilin; À coordenadora e ao vice coordenador do Curso de Letras, Professora Elisângela Nogueira Teixeira e Professor José Carlos Siqueira de Sousa; Aos chefes dos Departamentos de Literatura, Professor Claudicélio Rodrigues da Silva; de Letras Vernáculas, Professora Maria das Dores Nogueira Mendes; de Letras Estrangeiras, Professora Sara de Paula Lima e do Departamento de Estudos da língua Inglesa, suas literaturas e Tradução, Professor Paulo Roberto Nogueira de Andrade. Ao Professor Cid Ottoni Bylaard, do departamento de Literatura; Especialmente à Professora Inês Pinheiro Cardoso, do Departamento de Letras Estrangeiras e à Professora Tércia Montenegro, do Departamento de Vernáculas; Às Professoras Odalice de Castro Silva e Fernanda Coutinho, aqui representando o Departamento de Literatura; À equipe do cerimonial, na pessoa da Senhora Claudia Albuquerque; À mestrandia em literatura Tamires Carvalho, que se empenhou generosamente em ajudar no processo.

E agradeço a todos vocês, meu companheiro, meu filho, minha nora, meus familiares, meus amigos aqui presentes, e aos que não puderam vir, pela demonstração de um afeto que me dá força para continuar a escrever livros, nessa profissão tão árdua, convidando-os para um abraço e um brinde, para mim dos mais valiosos. Boa noite a todos.

(\*) Discurso de agradecimento pelo título de Doutor Honoris Causa da UFC (Fortaleza, CE, 8.11.2018)

## PAISAGEM (\*)

Napoleão Valadares

A serrania que se não descreve  
tinha, mais altos, dois rochedos meio  
ensolarados e imponentes (leve  
inclinação), que eu avistava em cheio.

Embaixo, o vale – vastidão sem freio –,  
que deve os homens encantar e deve  
encantar deuses, pôr em devaneio  
os que o contemplam, num enlevo breve.

Em meio à luz, um fundo escuro (havia  
umas baixadas). E a luz novamente  
tomava conta da amplidão. Eu via

uma floresta num pequeno monte,  
depois uma descida e, logo à frente,  
quebradas, uns relevos e uma fonte.

(\*) Poema vencedor do 36º Concurso Literário Yoshio Takemoto, São Paulo, 2018.

## IMPROVISO PARA VIOLONCELO

João Carlos Taveira

Grave e suave  
o ritmo vai  
serpenteando  
pelo papel  
nas rotas notas  
de uma canção.

Cresce dos dedos  
o acorde torto  
e em sonolência  
imita o voo  
já sincopado  
dentro do pássaro.

Pausa e silêncio  
na partitura:  
é a voz de um anjo  
talvez arcanjo  
a brotar trôpega  
junto da música.



Continuação da página 1

# DIMAS MACEDO, POETA ITINERANTE

Wilson Pereira

Em *{Codicício}*, também na primeira parte, encontram-se os poemas louvando Havre, Zurich, Dublin, Berlin, Varsóvia. E, ainda, na última parte, aparecem os poemas “Europa”, “Florença”, “Toscana” e “Veneza”.

É louvável a iniciativa e a realização poética de Dimas Macedo, ao insculpir em seus versos os encantos vistos e vivenciados nas tantas viagens. Em muitos casos, os poemas são verdadeiras declarações de amor. Tanto é que o autor, não raro, cria metáforas de sugestão sensual para evocar a cidade à qual se dirige como se abordasse a mulher amada. É o caso, por exemplo, de “Berlin” (p. 18, de *{Codicício}*):

“Berlincidade,  
alquimia da minha liberdade,  
porque no traço do teu corpo,  
o meu verso,  
porque no sal da tua língua,  
o meu braço,  
e o teu abraço me consumindo em chamas.  
Porque me chamas, cidade,  
com a tua identidade no cio?”

Além desse viés de cidadão do mundo, de viajante privilegiado e perspicaz, de escriba itinerante, o poeta não perde de vista suas origens nordestinas, enfocando e valorizando a cultura, a natureza e a gente de sua região. Assim é que, no poema “Humildade” (de *{Codicício}*, p. 33), ele declara:

“Viver a arte da vida, viver de cicatrizes, /  
buscar as nossas origens/ e deixar de ter vontade:/  
eis toda a liberdade do corpo, / eis toda a transcendência da alma”.

Dimas Macedo transita também por diversos outros temas, com destaque para o lirismo amoroso, presente em vários poemas, alguns com traços de um erotismo moderado, mas insinuante, como se nota nos poemas “Pronúncia” (p. 35), “Resina” (p. 37) e “Retrato” (p. 38), esses do livro *{Guadalupe}*. De *{Codicício}*, ocorre-me citar os poemas: “Libido” (p. 38) e “Seios” (p. 61), este mais ousado e explícito, do qual transcrevo os versos finais:

“Já tão acesos esses seios, / já tão maduros  
seus bicos. // Esses crucifixos de carne, / essa vontade imensa/ de mordê-los”.

Outra incursão temática do poeta, que merece ser notada e anotada, pela primorosa realização poética, é a de veio social e político. São páginas que expressam um contundente protesto contra a opressão, a injustiça e a exploração que se cometem, com frequência, contra os “despossuídos e espoliados” (palavras do autor) em nosso país. Nesse sentido, recomendo, do livro *{Guadalupe}*, os poemas: “Aurora” (p. 50), “Utopia” (p. 51), “Latifúndio” (p. 52), “Jangurussu” (p. 54) e, especialmente, “Oblação”, espécie de réquiem para Frei Tito, o revolucionário frade cearense perseguido e morto no período da ditadura militar brasileira.

Dimas Macedo vem, portanto, consolidando, com empenho e arte, uma obra de valor literário de alcance nacional e conquistando, a cada livro editado, o reconhecimento e a admiração de leitores e especialistas da literatura.

## ABISMO DO CAOS (\*)

Dellana Wolney

“Quando a tristeza é revelada, ela contém algo misterioso, sagrado e urgente, uma coisa completamente pessoal e, ao mesmo tempo, uma chave que abre as portas trancadas do desconhecido.”

Dolorosamente sublime. Assim descrevo a história de Yujeong, uma jovem da alta sociedade coreana e Yunsu, um jovem presidiário no corredor da morte. As possibilidades que nada tiveram a ver com a realidade é o que constrói esse universo cheio de dor, redenção e empatia criado pela autora sul-coreana, Gong Ji Young.

### Caos

A abordagem da Depressão no livro *Nossas Horas Felizes* é completamente palpável. É possível sentir o vazio existente dentro Yujeong e sua dor progressiva que resultou tantas vezes na tentativa de tirar a sua própria vida. Enxergamos um mundo desmoronando e, muitas vezes, nos damos conta do quanto nossos universos são semelhantes e interligados. Quebra-se a quarta parede e assim ficamos ao lado de um personagem que sucumbe à “Sociedade do Cansaço” (Byung-Chul Han, 2017).

A violência é amplamente retratada nesta obra, de ambos os lados. Gong Ji Young faz um trabalho magistral ao abordar o abuso sofrido pela protagonista quando adolescente. Sua autopunição, a culpabilização social e os efeitos nocivos de carregar por tantos anos este estigma nos prepara para o que virá.

Neste conjunto de dores e fatalidades perece a empatia, que por muito tempo entorpeceu Yujeong, tornando-a indiferente ao mundo e às pessoas que a rodeiam. A inquietação e a instabilidade emocional constroem um paradoxo suicida que é apagado pouco a pouco ao longo da história. Até o final somos capazes de ver a empatia florescer na lama, assim como uma flor de lótus.

Vemos Yujeong emergir das águas sujas, turvas e estagnadas. Com ela aprendemos a importância de ressignificar o passado, além de reconhecer os nossos próprios demônios a fim de combatê-los.

### Entendimento

A pena de morte ainda é realidade em mais de 50 países e a Coreia do Sul é um deles. Embora este tipo de

penalidade tenha tido uma restrição aprovada na década de 1990, no ano de 2010 ela voltou a ser praticada. Desde a sua instauração na Coreia do Sul, mais de 900 pessoas foram executadas. Em 2015 um levantamento mostrou que cerca de 23 mil pessoas se encontravam no corredor da morte.

O nosso segundo personagem principal, Yunsu está há poucos dias da sua condenação à morte por um crime hediondo. À primeira vista conhecemos um personagem vazio que se assemelha ao estereotipado marginal agressivo, mas nele há um universo em pedaços.

Pedaços que quando descobertos são similares às dores de tantas almas condenadas ao abismo da culpa. A vida de Yunsu é fatalmente real, mesmo estando intacta em uma ficção.

Em *Nossas Horas Felizes* não encontramos justificativas e sim um alerta de que habitamos um planeta desigual, em que milhares de crianças e adolescentes não têm oportunidades ou chances de ter uma vida digna, sucumbindo à subsistência, reduzindo-se a um fantasma social, cuja existência apenas causa medo e indiferença.

### Caminhos cruzados

Os caminhos de Yujeong e Yunsu se cruzam da forma mais sublime possível. Por meio de uma figura maternal e divina. Tia Mônica é a personagem secundária que protagoniza o encontro de duas vidas despedaçadas pelas piores maldades que rodeiam aqueles que são feitos de carne e osso.

A empatia de Tia Mônica é contagiante e o seu empenho máximo na tarefa de levar mais compaixão aos que precisam, principalmente, aos presos que procuram se redimir dos seus pecados e tornar a sua estada na prisão um pouco mais suportável é notável.

Esta figura ficcional muitas vezes consegue demonstrar mais compreensão e solidariedade do que muitas pessoas que habitam o mundo ao nosso lado.

Resgatando outra vida, no caso a de Yujeong, Tia Mônica a convida para realizar visitas semanais a um preso no corredor da morte, Yunsu. Os encontros inicialmente são envolvidos de estigmas e preconceitos, mas passam a trazer muitas surpresas e o mais importante: humanidade.

É assim que os caminhos de Yujeong e Yunsu se cruzam, tornando-se apenas um durante as suas “horas felizes”.

### Compaixão

Yunsu e Yujeong pareciam compartilhar tantas diferenças, mas o caos interior de cada um se assemelhava. Eles simplesmente fazem parte de um mundo triste, cujo passado é marcado por histórias doloridas. Seus momentos são preciosos, porque há entendimento.

### Contra Plongée

E assim finalizamos uma história que nunca terá final, pois suas 277 páginas marcam pontos essenciais em quem está do outro lado do livro, criando uma cicatriz de reflexão. Nos tornamos a terceira pessoa, que mesmo com uma realidade completamente diferente, se sente igualmente despedaçada ao perceber que cada abordagem problemática de *Nossas Horas Felizes* é tão nossa como de Yunsu e Yujeong.

Sofremos, enxergamos o abismo, lutamos por justiça, nos compadecemos e desaparecemos... Isso é o que nos torna demasiadamente humanos.

### Redenção

Embora os costumes da sociedade coreana estejam enraizados em cada capítulo deste livro, as discussões sobre a realidade social expostas por Gong Ji Young refletem as muitas questões que tanto o oriente como o ocidente ainda vivem. Questões que merecem reflexão individual e coletiva.

O perdão é a sua cartada final. E quando falamos de perdão aqui, envolve o contexto pessoal de se autoperdar, perdoar o passado, a redenção de um criminoso que é perdoado pelas famílias destruídas e que no fim contempla o abismo com leveza e aprendizado.

“Ser humano não quer dizer que mudamos ao encerrar a morte, me diziam os olhos dela, mas, porque somos humanos, podemos nos arrepender de nossos erros e nos tornar novas pessoas.”

Eu não sei como dizer que você deve se importar com as pessoas, mas com certeza *Nossas Horas Felizes* lhe ensinará que a forma mais sublime de humanidade e empatia é se colocar no lugar do outro...

(\*) Ensaio vencedor do III Concurso de Ensaios de Literatura Coreana, em Brasília.



# A INFANTA CAPELLISTA

Pedro Rogério Moreira

Um dos exemplares salvos da destruição foi vendido por 6.500 euros pela Leiloeira Renascimento, de Lisboa, em 21 de fevereiro de 2008, informa o site TVI 24. O exemplar de Vivaldi, lê-se no *colofon*, é de uma edição caseira fotocopiada, produzida por um bibliófilo, escritor e industrial paulista muito rico chamado Cid Prado, amigo de Vivaldi. A fotocópia (ou *fac-simile*) foi tirada de um exemplar autêntico “gentilmente cedido pelo distinto bibliófilo doutor João Marinho de Azevedo”. Em papel de puro linho, foram impressos 350 exemplares numerados; o de Vivaldi é o 246. A edição não se destinava ao comércio; seu executor distribuiu-a entre os amigos. Uma pena não haver registro no *colofon* da data da edição *pirata*, mas Vivaldi, arquivista emérito, deixou uma pista. Encontrei dentro do livro duas notícias: um manuscrito de Vivaldi esclarecendo que Cid Prado deu-lhe dois exemplares; o outro era destinado ao amigo comum Milton Campos, então senador por Minas; e o recorte de uma crônica do escritor e deputado Alberto Deodato, n’*O Estado de Minas* de 23 de julho de 1964, na qual dá-se notícia da edição fotocopiada de *A infanta capellista*. Também se lê na crônica de mestre Deodato uma curiosa informação sobre a conversa entretida entre Cid Prado e Vivaldi Moreira na visita que este lhe fizera em São Paulo. Vale a pena o desvio em nome da fraternidade. O informante da conversa é certamente Vivaldi, nos encontros diários que ele tinha com Deodato na sala de estar da Livraria Itatiaia Editora, na rua da Bahia, *point* literário, político e social da Belo Horizonte daquele tempo, de propriedade dos irmãos de Vivaldi. O cronista transcreve o diálogo de Cid com Vivaldi, em que o paulista se mostra muito mais bem informado sobre os acontecimentos de Minas do que o seu mineiro interlocutor. Veio de Cid a auspiciosa informação de que o nosso querido padre José Carlos Brandi Aleixo já se encontrava lecionando na Universidade George Washington, e lecionando diplomacia! “Você pode avaliar o que seja um diplomata americano recebendo o ensinamento de um homem brasileiro, com a inteligência de um Pedro Aleixo e a sabedoria de um jesuíta?” – disse o Cid entusiasmado a um Vivaldi embasbacado com a grande vitória de padre Aleixo, filho do notável político das Alterosas.

Retornemos à nossa *Infanta Capellista*. Capellista, corri ao dicionário, era o nome dado à comerciante, ou apenas balconista, de uma capela, ou seja, uma pequena loja que hoje chamamos de armarinho. O romance tem como protagonista Dona Maria José de Portugal e Bragança, filha bastarda do deposto rei Miguel, linda jovem que, em 1857, vivia, relata Camilo, modesta e honradamente como capellista na Calçada da Estrela, em Lisboa, vendendo panos e retrós, enquanto seu pai curtia o exílio, igualmente modesto, algumas vezes em penúria, dependente de favores de cortes europeias amigas, depois de ser vencido em armas pelo nosso Pedro I (e IV de Portugal) em 1834. A brasileira Maria da Glória, filha de Pedro, sobrinha de Miguel e a ele destinada como futura esposa, haveria de ser assentada no trono porque o pai considerava o irmão, que era o regente, um traidor da pátria portuguesa. Nosso Pedro, tão logo suspeitou da usurpação do mano, deixou o Brasil que ele tornara independente no Grito do Ipiranga e foi buscar em Portugal a reparação, mesmo que para isso tivesse que ser derramado o sangue de irmãos.

No romance, que às vezes beira a reportagem, a mãe da infanta já havia falecido; era dona

Marianna Joaquina Franchiosi Rolin Portugal, “filha bastarda de um fidalgo de primeira grandeza” que o rei Miguel namorou quando solteiro. Camilo Castelo Branco vai por aí afora, relatando as “cousas do Paço” e das circunvizinhanças, coisas de muito corar na época (hoje não seria tanto...). O romancista toma partido: afirma que Pedro V, neto do nosso Pedro I, feito rei após a morte prematura de sua mãe Maria da Glória, e ele também ceifado em plena mocidade, foi “o único Bragança que reinou com honradez”. Tocado pela penúria em que vivia o tio-avô destronado, Pedro V ordenara ao seu tesoureiro pessoal que enviasse mensalmente a dom Miguel uma quantia considerável, de seu próprio bolso e não do tesouro do Reino, para proporcionar ao nobre exilado uma vida digna. A mesada jamais chegou às mãos do destinatário, diz Camilo. A infanta do armarinho também é ludibriada pela mãe de um poeta que versejava para conquistar o amor da princesa infeliz enquanto agitava o meio político para promover a restauração do destronado Miguel, a fim de ganhar dele, talvez, um ministério... A ingênua capellista retira de suas poucas poupanças e entrega à bruxa Dona Rozenda, três mil contos de reis, para ser levado por emissários secretos ao seu amado pai... O dinheiro serviu para o poeta se vestir, perfumar-se e adquirir unguentos para amenizar o horripilante hálito. E por essas veredas escuras segue o autor de *Amor de perdição* no relato da desamparada *Infanta capellista*. De fato, dom Miguel I teve duas filhas naturais, uma delas reconhecida pelo pai; a outra, por ter vindo de uma ligação com uma mulher humilde de Santarém, não teve a paternidade reconhecida.

O admirador de Camilo, Pedro II, visita Portugal no mesmo ano da publicação de *A infanta capellista*. Sabe-se que o Bragança brasileiro não desejava a difusão do livro sobre os Bragança portugueses. No dia 1 de março de 1872, o imperador do Brasil encontra-se no Porto e envia mensageiro à casa do escritor, à rua de São Lázaro, convidando-o a visitá-lo no hotel que leva justamente o apelido dos reinantes. Camilo responde que não pode ir ao Hotel Bragança; alega o estado de saúde precário e também a precariedade de suas finanças. Os biógrafos de um e do

outro confirmam que já era o arrependimento a remoer a alma do autor d’*A infanta*. Pois o imperador, com a simplicidade que lhe era peculiar, deslocou-se à casa do romancista e os dois sábios abraçaram-se efusivamente. A partir daí, Camilo Castelo Branco repudia *A infanta capellista*.

Pedro II faria uma segunda visita ao célebre romancista, quase vinte anos depois, mas era um imperador destronado. Estamos em dezembro de 1889, um mês após a proclamação da República e o início do desterro imperial. Camilo, de novo, rejeita o convite para deslocar-se ao Grande Hotel do Porto para rever o seu admirador; já então viúvo e quase cego e sofrendo de diabete. Nosso amoroso Pedro II vai de novo à mesma casa da rua de São Lázaro e os dois se abraçam em lágrimas. Foi um dezembro lacrimoso para o bom Pedro, que ali no hotel do Porto, no dia 28, vê morrer a imperatriz Dona Teresa Cristina. Seis meses depois é Camilo quem segue para a eternidade da glória literária. E, no ano seguinte, o fiel leitor dele, Pedro II, morre na tristeza do exílio, igualmente num dezembro, em Paris.

Quanto *A infanta capellista*, essa resiste como raridade bibliográfica. E será motivo de recordação sempre que encontrar pela frente um enxerido que deveria ter permanecido fiel à leitura de *Helena* do bom Machado de Assis, outro grande admirador de Camilo Castelo Branco.



## DOIS POEMAS DE DIRCE DE ASSIS CAVALCANTI

DIA SETENTA E TRÊS

Volta e meia  
a grande tragédia volta:  
já foi livro,  
memória, biografia, romance,  
novela de televisão, peça de teatro.  
E até ópera,  
a de João Guilherme Ripper, estreada no Rio,  
que agora vejo em cartaz  
no Teatro Colón, em Buenos Aires:  
A Tragédia, chamada, da Piedade,  
que de piedade não teve, não tem nada,  
nem para os que a sofreram,  
nem para os que, hoje ainda,  
dela trazem o estigma.

DIA CENTO E SEIS

Copio no barro o teu rosto  
tantas vezes tateado  
pelos meus dedos  
em carinhos e afagos.

Penso que consigo  
aprisonar teus traços,  
tua boca, teu nariz,  
teus olhos, tuas feições.

Impossível. Fogem-me.  
Apesar de ver-te todos os dias  
há tantos e tantos anos.  
Cada vez é a primeira.

# OUVINDO ESTRELAS

Anderson Braga Horta

Quanto às características do nosso Parnasianismo amenizado, particularmente no exemplo bilaciano e pelo menos ante os termos da ortodoxia, como se depreende da boa crítica, recomendando uma vista d'olhos no magnífico estudo *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*, de Sânzio de Azevedo (Editora UFC / Edições UVA, Fortaleza, 2004).

As diferenças entre os estilos de época são muitas vezes tênues. Traços característicos de uns podem achar-se em botão nos anteriores, ou como reminiscência nos seguintes. Há casos bem típicos, sim, como as claridades e vaguidões da "Antífona" do simbolista Cruz e Sousa, de um lado, e doutro o dissertativo de "A Gonçalves Dias", bem como a rigidez escultórica de "A Sesta de Nero" e "O Incêndio de Roma", de um parnasianíssimo Bilac. Mas não diria que a nitidez dos contrastes é prevalente.

Quando escreveu, aplicadamente, de acordo com as prescrições da escola, Bilac foi poeta de boa envergadura. Quando, porém —ainda que sem perder jamais a ponderação da boa forma— se deixou levar pelo *borbulhar* interno, aí levantou voo, e aí compôs poemas que, sem deixar de servir de modelo em seu embasamento e em seu travejamento, nos trazem alma adentro o frêmito da paixão e da beleza, a que não faltam o sal de alguma dúvida metafísica nem o ímpeto superior de uma transcendente esperança.

Logo após o rigor propriamente parnasiano de *Parnálias*, exibem-se em suas *Poesias* os trinta e cinco sonetos de *Via Láctea*, em que Sânzio de Azevedo, citando Alberto de Oliveira, vê com clareza "uma combinação de rigor clássico e emoção romântica", que vamos rever na perfeição do n.º XIII:

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A Via Láctea, como um pálido aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

Consta que o próprio poeta o desmerecia, exigente, apontando uma homofonia (tão leve que mal se percebe) no primeiro terceto.

O soneto, originalmente intitulado "Ouvir Estrelas", e conhecido popularmente também como "Ora (dizeis)", nos dá de mão beijada, como quem não quer nada, uma fértil contradição: de um lado, uma dicção escandida, estudada, com uma certa *nonchalance*, uma aparente frieza no andamento, frieza conceitual, professoral, frieza de quem professa uma lição, não de quem vive uma paixão; de outro, um re-freado mas ardente sentir, numa expressão que vai ganhando força até o perfeito final. Emoção contida: o poeta não quer se derreter diante do interlocutor, diante do público; mas bastante para entremostrarmos os frêmitos que podiam vagar por aquela alma. O que prevalece —e fica na mente do leitor— é esse clímax, esse caldo de sonho, essa música suave-ardente, esse deslumbramento de ouvir e de entender estrelas. E ficamos sabendo, sentindo, que isso é, sim, poesia, bela e grande poesia, independentemente de tudo o que digam —contra ou a favor— os teóricos do verso.

Bilac foi um grande poeta romântico (ousou dizê-lo) constrangido, num bom número de poemas, pela equivocada intenção de ser parnasiano (mas é bom lembrar que o próprio poeta chegou a negar a existência de parnasianismo no Brasil). Dessa escola tem e exhibe, contudo, em toda a linha

de sua produção poética, a perfeição do verso e a extrema correção e elegância vernacular.

Há quem aponte e verbere em Bilac (assim como em Castro Alves, outro poeta de verbo inflamado) o vezo da eloquência. Ora, a eloquência é virtude da oratória, do discurso feito para convencer — já pela justeza do pensamento, já pela empolgação emocional; em poesia, é considerada defeito. Tenho para mim que quem chama de eloqüente a um grande poeta está, em verdade, querendo dizer que suas palavras voam e ardem como estrelas. O *mot juste* para isso é *entusiasmo*. A eloquência pode visitar o grande poeta —*hélas!* ninguém é gênio vinte e quatro horas por dia—, mas em poema como o *I-Juca-Pirama*, o *Navio Negroiro*, *Vozes d'África*, *O Caçador de Esmeraldas*, o arrebatamento verbal visa a algo em si mesmo, visa ao fogo, visa ao vento, visa ao belo.

Permitam-me aqui o meu próprio arrebatamentozinho romântico: o poeta é um deus que influi do que pensa e, sobretudo, do que sente —desse amálgama— as artérias do poema, sua criatura.

Como aqueles notáveis épicos, impressiona *O Caçador de Esmeraldas* pela fornalha verbal em que se enforma. ("Sagres" em certa medida o antecipa — sendo-lhe poeticamente inferior, e sendo que, enquanto o sonho do Infante ao fim se projeta em Conquista e Glória, o sonho do Bandeirante se esfará em irrisão.)

Começa e mantém-se o *Caçador* num patamar elevado (com rompantes de lava em picos estratégicos):

Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada  
Do outono, quando a terra, em sede requiemada,  
Bebera longamente as águas da estação,  
— Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata,  
À frente dos peões filhos da rude mata,  
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.

Já nesses inícios a cor esmeraldina se insinua, primeira antecipação de um dos pontos máximos do poema. São as "angras verdes", o "verde sorriso", o "verde coração" da "bruta Pátria"; logo depois, "a serra misteriosa" de "verdes faldas", o "verde sonho", o "verde arcano", o faiscante verdor da "grande serra, mãe das esmeraldas raras", as "pedras verdes" finalmente nas mãos do Bandeirante, que, vencido pela febre, "trôpego e envelhecido, roto, e sem forças, cai junto do Guaicuí...". É uma espécie de *leit-motiv*, que faz uma pausa na parte terceira, para, em prodigiosa mudança de clima, dar espaço à agonia do Herói:

Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento  
Chora longo, a rolar na longa voz do vento.

Agonia em largo magnífico, a culminar no momento em que Fernão Dias, acreditando estar na posse das esmeraldas, exhibe uma face fulgurante, "como se a asa ideal de um arcanjo a roçasse". É a hora do delírio verde, quando o *leit-motiv* se completa e explode miraculosamente no quadro total. Uma obra-prima de *ton-sur-ton* plástico-musical. Jóia incrustada no corpo áureo do poema. Vejamo-la nas duas estrofes iniciais da parte IV:

Adoça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso;  
Leve, na boca aflante, esvoaça-lhe um sorriso...  
— E adelgaça-se o véu das sombras. O luar  
Abre no horror da noite uma verde clareira.  
Como para abraçar a natureza inteira,  
Fernão Dias Paes Leme estira os braços no ar...

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamas;  
Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas;  
E flores verdes no ar brandamente se movem;  
Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio;  
Em esmeraldas flui a água verde do rio,  
E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...

Neste passo, explode o "alto clangor" sinfônico do esplêndido *finale*. Concentro-me na "voz, que na soidão só ele escuta, — só", excluindo, na leitura, com vistas a uma condensação impressiva, duas ou três estrofes; essa Voz que lhe deu, mudamente, a missão que ele cumpriu sem o saber:

"Morre! morrem-te às mãos as pedras desejadas,  
Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...  
Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!  
Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,  
Como um grande colar de esmeraldas gloriosas,  
As tuas povoações se estenderão fulgindo!

Morre! tu viverás nas estradas que abriste!  
Teu nome rolará no largo choro triste  
Da água do Guaicuí... Morre, Conquistador!  
Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares  
Subires, e, nutrimo uma árvore, cantares  
Numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

Morre! germinarão as sagradas sementes  
Das gotas de suor, das lágrimas ardentes!  
Hão de frutificar as fomes e as vigílias!  
E um dia, povoada a terra em que te deitas,  
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,  
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,  
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,  
No clamor do trabalho e nos hinos da paz!  
E, subjugando o olvido, através das idades,  
Violador de sertões, plantador de cidades,  
Dentro do coração da Pátria viverás!"

Neste ponto o narrador (o *eu narrador*, ou *eu* épico, para se justapor ao *eu lírico*...) faz uma pausa, indicada por uma linha pontilhada, recupera o fôlego e retoma a própria voz, para colocar ponto final no poema (note-se o belo "enjambement interno" no terceiro verso):

Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo.  
Agora, a deslizar pelo arvoredo mudo,  
Como um choro de prata algente o luar escorre.  
E sereno, feliz, no maternal regaço  
Da terra, sob a paz estrelada do espaço,  
Fernão Dias Paes Leme os olhos cerra. E morre.

Mas o que vem a ser isto — o poema? Como discernir entre a versalhada rica em idéias, em tropos, em imagens, em rimas... e em boas intenções — do vero, do belo, do grande poema, da obra-prima poética?

É possível —e é fácil— medir a intensidade luminosa de uma estrela; mas que instrumento havemos para medir a intensidade da luz que emana do poema?

O poema é ou pode ser feito de qualquer coisa. "Tudo cabe no poema." Mas o que importa não é a soma das partes que compõem esse todo. O que importa é o fruto da relação entre elas, é o equilíbrio —ou desequilíbrio! como na música entram harmonia e dissonância—, a fulguração áurea que as partes, isoladas, podem até não prefigurar, é esse *quid*, esse impalpável, essa fugidia razão, essa tensão alquímica que as transmuta em algo mais que uma operação *aritmética*, um objeto de beleza (*a thing of beauty*). O ser do poema implica tudo que se possa pôr nele, mas é, em verdade, de natureza estética. Entram nele ingredientes talvez indispensáveis, como o bom, o verdadeiro, quem sabe o que mais, mas a luz-síntese é estética, ou poema não há. (Em verdade, até o feio pode entrar na composição do Belo.) Mede-se isso? Como?

Elejo como princípio poético a máxima popular: "O que não mata engorda." Isto é, o que não sobra no poema (ou do poema) o engrandece; ou pelo menos contribui para "engrossar o caldo", para o seu arredondamento, para o seu



aperfeiçoamento. E o que não sobra é o que se transforma em Beleza — naquilo que entendemos por Belo, e que é sempre elevado. A ressalva é necessária porque é esse um conceito muito subjetivo, e porque há quem ponha em suas alturas o simplesmente bonito. O bonito é o rés-do-chão da Beleza.

Bilac, assim como Coelho Neto, foi duramente criticado pelo Modernismo nascente. Pudera, celebrados como eram, formavam perfeitos alvos para a contestação, a insurgência. O primeiro não resistiu às investidas. Sua reputação jamais se recuperou totalmente. Bilac, arrasado por Mário de Andrade (nos termos que veremos adiante), era-lhe ao mesmo tempo objeto de veneração... Bilac sobreviveu no gosto popular, o que se reflete nas inúmeras reedições. Nos dias de hoje, não sei o que dizer. Os avanços de uma tecnologia universal, invasiva, afastam o homem da meditação, do silêncio — da poesia.

Sobre sua importância para nós, recolho palavras de um depoimento recente, de Fabio de Sousa Coutinho, em palestra no PEN Clube do Brasil, intitulada *Muito Além do Parnaso*: foi ele "... um dos mais verdadeiramente imortais entre todos os poetas e escritores brasileiros. Bilac não foi só um poeta de seu tempo. Foi um poeta de todos os tempos."

Num país de grandes poetas, foi grande, em que pese a mentalidade colonial de pensadores nossos incapazes de ver o que temos de original e de magnificamente realizado; a crítica superou a condenação modernista, mas assumiu, frequentemente, um viés de condescendência que não faz jus ao seu porte; antes e depois da Semana, quase sempre esteve aquém de sua grandeza.

Opiniões menos calorosas encontramos em Silvío Romero, José Veríssimo, Nelson Werneck Sodré (incompreensão extrema), Sérgio Milliet, Alfredo Bosi. Nestor Vitor, que, juntamente com João do Rio, Mário de Andrade, Humberto de Campos, Agripino Grieco, Manuel Bandeira e Ivan Junqueira, é transcrito na edição da *Obra Reunida* da Nova Aguilar (Rio, 1996; organização e introdução do poeta Alexei Bueno), chega a aparentar um tom de benevolência... De Grieco, tão ardente admirador de Castro Alves, com cuja cornucópia verbal se aparenta o Bilac *o Caçador de Esmeraldas*, esperaríamos comentário menos comedido.

Mesquinhas opiniões. Prefiro a dos admiradores de mente e coração abertos:

*Jackson de Figueiredo* — "A figura de Olavo Bilac surge, em meio de nossa ansiedade poética, como a mais completa que, até hoje, temos tido, depois de Castro Alves... É o gênio da plasticidade, que já nos pertence integralmente. Impõe-se aos nossos ouvidos, à nossa memória, ao nosso coração, ao nosso espírito." (*Afirmções*, Centro Dom Vital, Rio, 1924, pp. 45-68.)

*Alceu Amoroso Lima* — "Ficara muito atrás, na aurora da sua vida literária, o espoucar dos seus primeiros e sensacionais sonetos, que fizeram delirar a sua geração, com a ardente e paradoxal fusão do tropicalismo e do helenismo parnasiano. Com o correr dos anos, a musa se foi interiorizando, tornando-se menos chama e mais pensamento, menos forma exterior e mais fundo, menos brilho e mais interiorização. .... Bilac, desde 1907, previu esse novo destino do homem de letras, de descer de sua torre de marfim, para vir pugnar entre os homens, na luta perene entre o Bem e o Mal, entre o espírito de fé e o espírito de negação. .... homem que nos legou, sem dúvida, a mais bela lição de amor à Beleza e de culto ao Dever, conjugados em sua obra e em sua vida." (Cit.)

*Afrânio Peixoto* — "Nunca, em nossa língua, em mais belos versos foram ditas e proclamadas expressões de amor, não amor subjetivo, mas amor real, amado, do que em Bilac." (*Apud* Amoroso Lima, ob. cit.)

*Ivan Junqueira* — Das melhores coisas que se escreveram sobre o Poeta é o ensaio "Bilac: *Verse-maker*" (*O Encantador de Serpentes*, Alhambra, Rio, 1987). Falando sobre o "nunca assaz louvado, conquanto não de todo compreendido, 'O Caçador de esmeraldas'", diz que, na cena do delírio, consegue o Poeta "um verdadeiro *sacre du vert*, e os alexandrinos que o sustentam talvez só não sejam modernos por serem alexandrinos". E pontifica, seguro: "Que importa? São versos. Versos esplêndidos como apenas ele e mais uns poucos

souberam fazer. Ele, o *fabbro*, o *fabricateur*, o *versemaker*." Noutra passagem, diz ter sido ele "o criador de alguns dos mais plásticos e coloridos versos jamais escritos em língua portuguesa".

*Mário de Andrade* — Excluídas as restrições, ditadas, diria, pela posição de liderança de um movimento renovador das letras, nosso extraordinário polígrafo escreveu o maior, o mais abrangente (e correto) panegírico de Bilac.

A página de Mário sobre o Poeta é um misto de extremado amor e impulso iconoclasta que beira a insânia. Sua crítica entremeia um discurso laudatório de numerosos alanceamentos desprezivos. Transita do mais alto e bem fundamentado elogio à mais desrefinada objeção — como uma empresa de guerra, pela *obrigação* de destruir o ídolo, atrevo-me a sugerir. Tarefa razoavelmente fácil, já que na humana seara não há trigal sem joio. Comparo essa página, ela mesma, a um campo de trigo infestado da praga. Arrancada esta, resta uma celebração extremosa, de tudo o que dou um apanhado.

Começa dizendo que Bilac é "um dos bons poetas brasileiros", mas não "dos maiores". E segue: "Bilac entusiasmou-me; atrai-me ainda... Não me prende, porque raro me comove. Mas não sei bem por que não me comove. Talvez a excessiva perfeição. Talvez. Acho mesmo que é isso." Vem depois uma gangorra sistólico-diafônica de exaltados elogios e ásperas censuras. Elejo para transcrição, apenas, alguns dentre os primeiros, considerando-os bastantes para postar o Poeta nos pináculos do Panteon da Poesia:

"... que técnica formidável! Não é preciso buscar mais o século XVIII italiano para se compreender o prestígio que exerce sobre as turbas e mesmo sobre a 'gente boa' um 'virtuoso' perfeitamente habilitado. Inteligentíssimo, estudioso, paciente, o tapeceiro de 'As viagens' adquiriu uma facilidade, uma segurança, uma perfeição tal no manejo do alexandrino, e mesmo de outros metros, que confina com a genialidade. Se quiserem: Bilac é o malabarista mais genial do verso português. Outro nenhum existe que se lhe compare na língua; e mesmo fora desta, poucos emparelhariam com ele nas línguas que sei. Um há que o supera, um apenas: Victor Hugo. Note-se que falo da perfeição técnica no manejo de metros conhecidos. ....

"O caçador de esmeraldas' é sob esse aspecto o esplendor dos esplendores. Que realização integral da Beleza! Fascina e deslumbra. Mas seria injustiça consagrar o poemeto só como realização do Belo. Na fala sobrenatural que consola a morte de Fernão Dias, há mesmo uma comoção ondulante, uma frescura impetuosa de mar ....

Sinto que o sonetista admirável da 'Via Láctea' devia ter amado, e muito, para escrever esses fortes e comoventes decassílabos. E há no poemeto uma grande originalidade. É todo perfumado por uma alegria sã, por uma jovialidade transparente, natural, comunicativa. ....

Há no livro que analisei [*Tarde*] alguns poemas admiráveis. Fora injustiça passar em silêncio essa verdade. Não só pela perfeição técnica, valem eles; mas pela idéia também. Assim 'Ciclo', 'Língua portuguesa', 'Dualismo', 'Respostas na sombra' (talvez pela maneira com que o ouvia recitar numas reuniões dominicais de que me não esqueço), 'A um poeta' e o formidável 'O cometa'.

Quando devorei *Tarde* pela primeira vez, o meu pensamento parou estarecido (não sei se me compreendem) diante destes versos:

*Um cometa passava... Em luz, na penedia,  
Na erva, no inseto, em tudo uma alma rebrilhava;  
Entregava-se ao sol a terra, como escrava;  
Ferviam sangue e seiva. E o cometa fugia...*

*Assolavam a terra o terremoto, a lava,  
A água, o ciclone, a guerra, a fome, a epidemia;  
Mas renascia o amor, o orgulho revivia,  
Passavam religiões... e o cometa passava,*

*E fugia, riçando a ígnea cauda flava...  
Fenecia uma raça; a solidão bravia  
Povoava-se outra vez. E o cometa voltava...*

*Escoava-se o tropel das eras, dia a dia:  
E tudo, desde a pedra ao homem, proclamava  
A sua eternidade! E o cometa sorria...*

Reli. Tornei a ler. Creio mesmo que treli. Qual! não compreendia! Que diabo! Olavo fizera simbolismo! ou coisa que o valha? Não podia ser! Reli. Qual! não entendia! Senti que me pesava a minha alma parnasiana! Joguei-a fora. Eureka! Esplendor! Fecundação! As palavras brilhavam como vidas. As idéias palpitavam como profecias."

(Excertos de "Mestres do Passado – IV: Olavo Bilac", in *Obra Reunida* cit., pp. 37-46.)

A beleza que percorre a obra poética bilaquiana já foi convincentemente exemplificada. Mas ainda com uma composição gostaria de ilustrá-la, o soneto "Nel Mezzo del Camin...", das *Sarças de Fogo*, com o título dantesco, a construção quiásmica do quarteto inicial, o *enjambement* em que o autor era mestre, no segundo, a superação de um lugar-comum nos tercetos de fecho de ouro, o conjunto aureamente impactante de musicalidade e lirismo. Era também da especial predileção de nosso saudoso Miketen, Antônio Roberval Miketen, que em torno dele construiu o ensaio crítico "Bilac — o Poeta da Estruturação" (*Enigma e Realidade*, Thesaurus, Brasília, 1983, pp. 21-35):

*Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a alma de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...*

*E paramos de súbito na estrada  
Da vida: longos anos, presa à minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que o teu olhar continha.*

*Hoje, segues de novo... Na partida  
Nem o pranto os teus olhos umedece,  
Nem te comove a dor da despedida.*

*E eu, solitário, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo.*

Não faltam observadores que enxergam na poesia de Bilac uma planície em que não sobressai sequer uma colina erguida por preocupações de natureza filosófica, *lato sensu*. Não veem bem. Na fase anterior a *Tarde*, sim, predominam largamente o narrativo, o descritivo, o épico, o lírico, o erótico; nesse livro, entretanto, principalmente nos poemas derradeiros, o relevo ganha elevações desse tipo. E são exemplares magníficos. Não vamos fazer o levantamento *orográfico*, mas gostaria de exemplificar a dúvida e a esperança metafísicas com dois desses sonetos.

A dúvida, vejo-a embutida na ironia que perpassa os versos de "O Cometa", lido há pouco, na citação de Mário de Andrade. Um de seus mais gloriosos píncaros. Para a esperança, hesito entre o heróico de "Os Sinos" ou de "Sinfonia" e o também vibrante "*Introibo!*", pelo qual acabo me inclinando, por me parecer que, afinal, transita da aspiração para a fé:

Sinto às vezes, à noite, o invisível cortejo  
De outras vidas, num caos de clarões e gemidos:  
Vago tropel, voejar confuso, hálito e beijo  
De cousas sem figura e seres escondidos...

Miserável, percebo, em tortura e desejo,  
Um perfume, um sabor, um tato incompreendidos,  
E vozes que não ouço, e cores que não vejo,  
Um mundo superior aos meus cinco sentidos.

Ardo, aspiro, por ver, por saber, longe, acima,  
Fora de mim, além da dúvida e do espanto!  
E na sideração, que, um dia, me redima,

Liberto fluatuei, feliz, no seio etéreo,  
E, ó Morte, rolaei no teu piedoso manto,  
Para o deslumbramento agusto do mistério!

E seja esse o ponto final de minha evocação do venerando mestre.

# POR UM FIO DE CABELO

Flávio R. Kothe

**P**or um fio de cabelo mudei minha vida. Literalmente. No turbilhão da tempestade em que se tornou a minha querida “ex-posa”, o divórcio levou quase tudo o que eu tinha, inclusive a maior parte da cabeleira. Sobraram as paredes da casa, uma cama, um sofá velho e uma televisão estragada. O resto se foi, já que o juiz tinha me obrigado a sair de casa, deixando tudo com ela. Claro que a justiça sabe que isso acontece, mas faz de conta que é justa.

Eu gostava dela, mas nunca a amei. Paguei por meu pecado. Nunca se deve casar, a não ser que seja impossível evitar. É a última coisa que se deve fazer.

Lá pelos 23 anos eu tinha me apaixonado por uma mulher de 30. Achava que seria apenas uma aventura. Tropecei em mim mesmo e caí de bico no barro (para não citar onde Ajax caiu). Balzac já tinha desenhado o perfil dessa mulher, mas eu não havia lido o romance, afinal como brasileiro era patriota o bastante para só ler cânone brasileiro. Ela achava que tinha o direito de zanzar por aí (para ser gentil na fala) e queria que eu tivesse o espírito compreensivo para esperar por ela: até o dia em que aprontei as malas e saí de madrugada sem olhar para trás.

O que deixei para trás veio atrás de mim e continuou a andar em mim como se fosse uma sombra interior, um não-ser a carcomer meu ser (ou aquilo que eu pensava que ele fosse). Dois anos mais tarde, achando que tinha me curado (já não molhava meu travesseiro a cada noite a ponto de trocar três vezes a fronha), comecei a namorar aquela que um ano depois se tornaria minha esposa. Quanta bobagem se faz! Casamento se deve evitar enquanto se puder: só quando não tem mais jeito e acaba a munição, é preciso levantar a bandeira branca e se render, esperando o pelotão de fuzilamento comandado por um padre, pastor ou juiz.

Há quem festeje isso, como se fosse uma anestesia geral. A Marcha Nupcial celebra o féretro de um guerreiro morto, que vem vestido de luto. A noiva vem de branco, a celebrar sua pureza e virgindade. A igreja é ornada de flores, fitas e cantorias. Cruz credo!

Eu havia abandonado a crença no amor romântico. Achava que um casamento de conveniência tinha mais chance de dar certo que uma paixão a queimar feito sarça ardente sobre petróleo. Como a minha noiva era de família católica tradicional, eu disse que jamais me casaria numa igreja. Esperei a sensata reação: “quem você pensa que eu sou!” Esperava me livrar assim dessa namorada que queria ser noiva, noiva minha! Diríamos então que era preciso dar um tempo e, nesse tempo, eu me escapularia. Mas qual o quê! Com um sorriso ela disse que estava tudo bem. Não havia problema.

Não haver problema se tornou maior problema. Eu havia dito palavras fatídicas, aventado a possibilidade de um casório. Perdi boa oportunidade de ficar calado. Pior: achava que palavra de rei não volta atrás. Reis mentem conforme as conveniências do poder. Todo noivo acha que é rei. Tarde demais descobre que é um rato.

Eu estava sendo injusto comigo, achava que gostar da pessoa conveniente fosse bastante, mas estava sendo injusto com a namorada, fazendo de conta que a amava (para poder levá-la para a cama – é justo esclarecer). No fundo eu ainda estava pensando a perda da antiga amada, aquela que não voltaria nunca mais e, por isso, ficava tanto melhor quanto menos eu a via. Mudei então de cidade. Já que não havia conseguido um tempo, busquei um espaço. Piorou.

Quanto mais longe fiquei, menos a via e mais me deixava dominar pelo imaginado. Pior ficou quando a quase-noiva decidiu me visitar (fosse a antiga, não ousaria recebê-la). Tive de buscá-la na estação e dar-lhe um teto. Se fui injusto com a namorada que se promovera a noiva,

ela foi injusta comigo também: fingiu que era a primeira vez que ia para a cama com um homem, insisti que com um namorado anterior só havia trocado beijinhos: iiii, eu quis acreditar.

Fingi acreditar, mas sabia que ela estava mentindo: eu admirava a necessidade que ela tinha de mentir, lembrei uma amante em Colônia, que dizia no alto dos quarenta anos que gostaria de ser virgem para se entregar a mim. Não se deve, porém, ofender a mulher que nos abriga em si. Todas elas têm segredos que é melhor não saber. Se ela queria que eu acreditasse, valia pelo esforço que ela fazia para eu acreditar. Eu já tinha feito, porém, meu valente marzapó passear em conas diversas, raras de fato virginais, de maneira que não precisava recitar todo o Elixir do Pajé para dizer “me engana que eu gosto”. Eu estava gostando de ser enganado!

Ela fingia acreditar no que dizia, eu fingia acreditar nas suas palavras. Eu fingia que a amava, ela fingia que eu era o único amor de sua vida. Tecemos juntos uma rede de mentiras e nos deitamos nela. Eu me declarei culpado quando assinei o maldito papel na Justiça, dando metade de tudo o que tinha e não tinha.

Para casar não entrei numa igreja, me faltava coragem para enfrentar o longo corredor da catedral, não era homem de chega para isso, mas fui louco o bastante para entrar num Palácio da Justiça, levando um pobre amigo como testemunha! Eu devia ter desconfiado de uma justiça que precisava se esconder em palácio, usar roupas pomposas, plataformas elevadas, falas arrefesadas, mas não havia então lido o monge Pascal. Caí feito um patinho.

Não posso culpar os outros. Querendo fazer o melhor, fiz o pior, fui injusto comigo e com minha noiva. Depois daquela paixão que me havia cegado e (desculpem o termo machadiano) cagado, eu havia jurado que jamais uma mulher voltaria a ter poder de vida e morte sobre mim.

Era fácil de conviver com ela. Ela não andava com outros homens como a minha velha paixão juvenil. Achei que já era um lucro. Nosso relacionamento não resistiu, porém, à maldição da menopausa nem aos anos de lobo do homem.

Quando várias vezes propus que nos separássemos, ela desconversou. Como a maioria dos homens, fui calhorda o suficiente para só sair do casamento quando já tinha construído um novo relacionamento, como se fosse uma ponte de cordas sobre o abismo. Claro que evitei essa nova namorada o quanto pude, mas ela decidiu por mim: me seduziu, continuou me seduzindo e, por fim, eu estava mais enrolado que um inseto numa teia de aranha.

Consegui, afinal, o divórcio. Perdi, mas o que perdi era pouco comparado com o problema de que me livrava. Continuei a relação com a namorada da ponte, até que apareceu a tal de bilirrubina. Impediu-a de tomar a pílula. Adotamos a tabela, e a tabela nos traiu! Armadilhas do acaso. Nelas se esconde o destino.

Ah, sim, o fio de cabelo! Era um fio negro, longo e liso, de uma linda bailarina que resolvera nesse intermezzo dançar um *paso doble* na minha cama. No dia seguinte, quando ela se foi e tratei de arrumar a cama, achei o fio de cabelo. Só podia ser da Gisele, a bailarina, com destino já traçado no nome que lhe haviam imposto. O fio não estava sobre o lençol nem em cima do travesseiro: havia se escondido por baixo da fronha. Talvez tivesse pernas ou se movesse feito serpente. Quem sabe o travesseiro o tivesse escondido? Eu não sabia. Estava lá para ser achado.

Cada vez mais, porém, o demônio da analogia fez associações com a falsidade solta pelo mundo e em mim. Por fim, o próprio capeta se sentou na cama e foi anotando

do uma série de episódios sórdidos. Quanto mais rabisca-va, mais eu calava.

Eu não sei se Gisele deixou o cabelo de propósito ou se ele decidiu se esconder por conta própria. Eu estava dormindo. O que de fato acontecera passou a importar menos. Mais importante era a versão em que eu queria acreditar. Se a ciência e a arte resultam da imaginação, por que não a felicidade? Posto de propósito ou perdido por acaso, sua intenção era me amarrar.

Por fim, só restou uma saída: marcar um encontro com a bailarina e dizer que as nozes do figaro estavam quebradas. Ela ficou furibunda. Descobri que ela estava realmente mal-intencionada comigo: queria casar! Isso é coisa que se faça com um pobre rapaz! Que indecência!

Seguindo o fio de cabelo, entrei pelo labirinto em que se escondia o monstro da incerteza. Quando cheguei até ele, era apenas uma criança recém-nascida, que só sabia mamar e chorar. Ela não me chamava de pai, mas ficou decidido, assim que a vi e me senti atingido pelo raio de uma união indissolúvel, chamá-la de filha. Claro, fui registrá-la no cartório.

Continuei morando sozinho na minha casa. Nos fins de semana ia buscar a bebê com sua mãe para ficarem comigo. Aos poucos os fantasmas que habitavam minhas paredes começaram a se desvanecer com a voz e os sorrisos da pequena menina. Passei a esperar que o fim de semana chegasse para poder buscá-la, trazendo-a com a mãe. Tanto me acostumei a tê-las em minha casa que, por fim, não restou outra coisa senão vivermos juntos sob o mesmo teto. Para minha honra e desonra, confesso que resisti o quanto pude, mas acabei tendo de me render.

## PRAIAS DE SÃO LUIS

*José Augusto de Castro e Costa*

Araçagy, Calhau, Olho d'Água  
São praias das quais nunca se esquece.  
É paraíso próprio para afogar a mágoa;  
É vigor vivo que nos fortalece.

Pelas manhãs o mar alegre a beijar  
A fria areia das praias de São Luís,  
Sugere logo para quem chegar  
Que o dia tem tudo para ser feliz.

Quando à tardinha, ao sol poente,  
O dia despede-se, pra noite vir,  
Bate a saudade forte na gente,  
E mesmo cansado não se quer partir.

Chegando a noite vem o forte vento.  
Por testemunho só a lua assiste.  
A maré sobe a soluçar lamento,  
Busca socorro pra um romance triste.

Quando a alvorada surge clareando,  
A maré desce pra esperar o porvir.  
A vida volta se normalizando  
Em Olho d'Água, Calhau e Araçagy.